



## O VISÍVEL E O INVISÍVEL NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO TWITTER

Juliana da Silveira<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Para tratar dos enunciados que circularam no microblog *Twitter*, durante o processo eleitoral brasileiro de 2010, bastaria, talvez, retomarmos aquilo que nos diz Milan Kundera em seu livro do riso e do esquecimento.

Quando as coisas são privadas de repente de seu suposto sentido, do lugar que lhes é destinado na ordem esperada das coisas (...), provocam em nós o riso. Em sua origem, o riso pertence, portanto, aos domínios do diabo. Existe algo de mau (as coisas de repente se revelam diferentes daquilo que pareciam ser), mas existe nele também uma parte de alívio salutar (as coisas são mais leves do que pareciam, elas nos deixam viver mais livremente, deixam de nos oprimir sob sua austera seriedade). (KUNDERA, 1978).

Afinal, tudo aquilo que circula neste ambiente específico, em torno dos fatos políticos, parece ser destinado ao riso, ao deslocamento dos sentidos estabilizados, ao desejo incontornável de rir das recorrentes encenações político-midiáticas da atualidade. Seria um desejo de escapar da opressão, da aparente seriedade política, dos supostos sentidos político-eleitorais (que há anos obedecem “a ordem esperada das coisas”)? Talvez. É justamente este “talvez” que nos leva a investigação proposta neste artigo; é este “talvez” que nos diz que os discursos produzidos neste ambiente comportam o riso, mas não um riso descompromissado e espontâneo que se alegra por tudo “ser bem ordenado, sabiamente concebido, bom e cheio de sentido”, mas um riso que antes mostra o “absurdo das coisas” (KUNDERA, 1978), um riso que se constrói em função mesmo das condições de produção do discurso político e midiático na atualidade e das possibilidades tecnológicas oferecidas pelo funcionamento do ciberespaço - que unifica, mistura e deslineariza os sentidos - num imbricamento discursivo e hipertextual que (entre)laça a memória e o esquecimento político no contexto brasileiro atual.

Há, ainda, outra hipótese que sustenta nossas análises neste artigo, a de que há na circulação dos *Tweets* e *Retweets*<sup>2</sup> o trabalho do visível e do invisível, produzindo um arquivo determinado sobre o episódio analisado, ou seja, um trabalho sobre o visível da abertura dos sentidos, dos espaços “libertários”, dos *links* que remetem a inúmeras direções e, ao mesmo tempo, sobre o invisível do fechamento dos sentidos, “a insistência de alguns sentidos que vão parametrando um processo de naturalização e universalização desses sentidos e vão suturando, com o

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR). Professora colaboradora pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR).

<sup>2</sup> No *Twitter* podemos mandar um “*Tweet*”, mensagem enviada por um membro do *Twitter* para a sua lista de seguidores. Podemos dar um “*Retweet*” em uma mensagem que recebemos, encaminhando a mensagem recebida de outro para nossa lista de seguidores. O *Twitter* nos permite sempre visualizar, em nossa página (*timeline*) principal, os *Tweets* e *Retweets* enviados e recebidos por nós mesmo (*by you*) e por outros (*by others*). Os termos em inglês se justificam pelo fato de não existir uma versão em português das páginas do *Twitter*, o que não impede o fato de 62% de seu público ser composto por brasileiros.



"inquestionável da universalidade", o espaço de significação, e, portanto, de enunciação do sujeito" (MORELLO, 2003, p. 123).

Trata-se, para nós, de explicitar os gestos de leitura que se realizam sobre o político nesse ambiente, de descrever as leis que regem o funcionamento desses discursos, de interpretar quais os procedimentos que fazem com que desapareçam, "nas clivagens subterrâneas do arquivo" eletrônico, as diferenças discursivas entre uma propaganda partidária, um comício, um discurso político, um discurso midiático, uma "conversa" e uma "informação" qualquer.

## 2. Breve descrição do acontecimento

Considerando o exposto até aqui, pretendemos, a partir do ponto de vista apresentado, descrever e interpretar, através de um diálogo teórico entre os conceitos da Análise do Discurso e as teorias da comunicação e do ciberespaço, os modos de funcionamento do arquivo e da memória em torno de enunciados político-midiáticos que circularam no microblog *Twitter*, durante as eleições presidenciais de 2010, mais especificamente os enunciados vinculados à *hashtag* **#boladepapelfacts**, que fazem referência ao episódio político ocorrido em 20 de outubro de 2010, envolvendo o candidato José Serra (PSDB) e militantes tucanos e petistas.

Neste episódio o candidato José Serra teria sido alvo de agressão por parte de manifestantes petistas em uma caminhada por um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Durante a caminhada, organizada por sua campanha, houve tumulto e confronto entre militantes petistas que também estavam fazendo movimento nas ruas e os militantes tucanos que acompanhavam Serra. Durante a confusão, alguém atirou um objeto na cabeça do candidato, que chegou a ir ao hospital e cancelou a agenda de campanha do dia.

Embora seja difícil afirmar a ordem dos acontecimentos referentes ao caso tudo indica que o episódio teve sua primeira versão exibida no Jornal Nacional, da Rede Globo, e, posteriormente, foi veiculado nas redes de televisão da Record e SBT. Após as exibições nas redes de TV, todas com interpretações diferentes do ocorrido, o episódio ganhou força na Internet e passou a circular nos mais diferentes sítios com comentários que ora recuperavam as emissões da Rede Globo, ora da Rede Record, ora do SBT.

Enquanto a emissão veiculada pela Rede Globo mostrou o episódio como uma clara agressão ao candidato José Serra, que havia sido atingido por uma pedra durante o confronto com os militantes petistas, as emissões da Record e do SBT declaravam que o candidato não havia sido atingido por uma pedra, mas sim por um objeto mais leve, possivelmente uma bolinha de papel.

Na Internet circulava uma enorme quantidade de comentários sobre o episódio e sobre as reportagens televisivas. Alguns internautas, notadamente os usuários do Twitter, em função das reportagens exibidas pelo SBT, começaram a comparar o candidato José Serra ao jogador de futebol



chileno Roberto Rojas, que durante partida entre Brasil e Chile, nas eliminatórias da Copa do Mundo de 1990, simulou ter sido atingido por um sinalizador<sup>3</sup>.

As discussões tornaram-se ainda mais polêmicas quando o então presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 21 de outubro de 2010, fez uma declaração à imprensa, referindo-se à reportagem veiculada pelo SBT, afirmando que o candidato José Serra havia sido atingido por uma bolinha de papel, e, também, comparando o candidato José Serra ao jogador chileno Roberto Rojas.

A partir daí os enunciados produzidos em torno do episódio são cada vez mais relacionados, gerando um grande número de questionamentos, respostas, acusações, explicações, e, em sua maioria, repetições, foram (re)produzidas durante toda a semana nas propagandas eleitorais gratuita dos dois candidatos, José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), pelas redes de televisão Globo, SBT e Record, pelos mais variados sítios da Internet, blogs, jornais online, sites de candidatos, e, de maneira muito singular, pelos usuários do *Twitter*, que criaram as *hashtags*<sup>4</sup> **#boladepapelfacts** e **#serrarojas**, que figuraram nos *trends topics* mundial<sup>5</sup> por dois dias consecutivos.

Diante de tais condições de produção, é possível considerarmos que o episódio transformou-se em um acontecimento discursivo, ou seja, o fato anunciado em tais condições de produção rompe com a ordem naturalizada daquilo que se espera de uma campanha eleitoral, e, ainda, daquilo que as mídias televisivas informam/interpretam sobre tal processo político.

O episódio torna-se, assim, um acontecimento político improvável, um “confronto discursivo”, realizado por “um imenso trabalho de formulações (retomadas, deslocadas, invertidas, de um lado a outro do campo político)” (PÉCHEUX, 2006, p.20), midiático e social brasileiro.

### 3. Visibilidade e invisibilidade no funcionamento do *Twitter*: uma breve análise

Dadas as condições de produção que possibilitaram a emergência do acontecimento recém descrito, selecionamos alguns enunciados que circularam no *Twitter* sobre as *hashtags* **#serrarojas** e **#boladepapelfacts**.

Logo que os vídeos das reportagens do SBT e Rede Record foram postados no site de vídeos *Youtube*, os usuários do *Twitter*, para comentarem o episódio, começaram a utilizar as *hashtags* **#boladepapelfacts** e **#serrarojas**. Ambas usadas simultaneamente, ora para falar do papel da Rede Globo no episódio, ora para criticar a encenação do candidato, tecendo comentários e observações a partir da comparação entre José Serra e Roberto Rojas.

<sup>3</sup> O episódio ficou conhecido como a “fogueteira do Maracanã”, devido ao fato de o jogador ter fingido ser atingido por um sinalizador no jogo entre Brasil e Chile. Com a farsa descoberta, Rojas acabou banido da prática do futebol.

<sup>4</sup> Uma *hashtag* é o símbolo - # - seguido por um nome, que é utilizado para agregar um tema ou fato no interior do *Twitter*, transmitindo-o a um grupo específico de pessoas. Na página principal o *Twitter* exibe as *hashtags* mais utilizadas do dia ou da hora. Elas são agrupadas, no menu lateral, pelo título de “*TrendTopics*” (espécie de ranking das palavras mais utilizadas no momento).

<sup>5</sup> Os *trend topics* mostram, separadamente, as *hashtags* mundiais, usadas no mundo todo, e as regionais, no caso do Brasil elas são segmentadas da seguinte forma: *Trend Topics* Brasil, *Trend Topics* São Paulo e *Trend Topics* Rio de Janeiro. Às vezes as *hashtags* dos três ambientes são as mesmas, mas, geralmente, apresentam diferenças em duas ou três palavras, segundo cada região.



É necessário ressaltar que embora as hashtags **#serrarojas** e **#boladepapelfacts** tenham sido criadas somente após o episódio em questão, os efeitos de sentido por elas produzidos já vinham sendo trabalhados no interior das redes sociais, prefigurando o surgimento do sentido de “muito mentiroso”, produzido pela criação da *hashtag* **#serrarojas**.

Desde que a candidata Dilma Rousseff, durante um debate na rede de televisão Bandeirantes, ocorrido no dia 10 de outubro de 2010, afirmou que o candidato José Serra tinha “mil caras”, a *hashtag* **#serramilcaras** aparecia constantemente nos *trend topics* do *Twitter*, relacionando-se a diferentes episódios protagonizados pelo candidato José Serra. Entre eles os debates sobre o aborto e o caso Paulo Preto. Com tweets do tipo **“Depois de me declarar ambientalista e contra o aborto, espero ansioso o próximo debate para dizer que sou negro e nordestino #serramilcaras”**, e/ou, enunciados do tipo **“#serramilcaras 11/10: `não sei quem é Paulo Preto`, 12/10: `Paulo Preto é competente e honesto`”**. Tais enunciados, obviamente, foram predominantemente negativos ao candidato José Serra, uma vez que retomavam o discurso de sua opositora.

Do dia 11 (dia posterior ao debate) ao dia 20 de outubro (dia do episódio de agressão ao Serra), portanto, o sentido de que o candidato do PSDB apresentava diferentes posições no decorrer da campanha eram reforçados pelos enunciados que circulavam sob a *hashtag* **#serramilcaras** e se intensificaram ainda mais com a repercussão e circulação do episódio da bola de papel e pela criação e circulação da *hashtag* **#serrarojas**.

Já as hashtags **#serrarojas** e **#boladepapelfacts**, produziram sentidos que afetaram não apenas o candidato José Serra, mas também provocaram deslocamentos nos enunciados produzidos pela mídia televisiva e pela própria Internet.

Em nossas análises foi possível observar que os enunciados produzidos por essas *hashtags* poderiam ser agrupados em três eixos semânticos diferentes. Em um primeiro eixo, enquadramos os enunciados que fazem referência aos discursos do campo político eleitoral, ou seja, aqueles que retomam outros discursos do campo político, como os que se pode observar na seguinte sequência de enunciados: E1) **“Ainda bem que foi uma bolinha de papel, se fosse bolha de sabão Serra diria que o PT usa armas químicas”**; E2) **“Vc acha q 1 homem q recebe uma #bolinhadepapel na cabeça e tem q fazer tomografia está preparado para governar o Brasil?”**; E3) **“Na bolinha de papel tava escrito: “Não se larga um lider ferido na estrada” Ass: Paulo Preto”**; E4) **“Fita crepe nega envolvimento e diz não conhecer bolinha de papel”**.

Em um segundo eixo, destacamos os enunciados que fazem referência ou colocam em pauta uma reflexão sobre o fazer midiático nos processos eleitorais do Brasil, como é possível observar nesta segunda sequência de enunciados: E1) **Próxima edição da @veja: A bola de papel veio do escritório de Erenice e é filiada ao PT**; E2) **José Serra finge que levou uma pedrada e a Globo finge que faz jornalismo!**; E3) **Recurso de edição para contar história não vale, usar 3 fontes de imagens é versão não é fato**; E4) **Testemunhas ouviram: ao bater na cabeça de Serra, bolinha de papel fez plim plim.**



E, por fim, em um terceiro eixo agrupamos os enunciados que, a partir das inúmeras repetições, e circulação das duas *hashtags*, produziu um deslocamento dos sentidos produzidos no campo político e midiático, invertendo os sentidos, ao relacionar os enunciados políticos e midiáticos um aspecto irônico e humorístico, característico dos discursos que circulam no Twitter. Os sentidos produzem-se em uma relação interparafrástica com os enunciados semelhantes aos destacados acima, mas, agora, mesclam os sentidos de denúncia aos discursos políticos e midiáticos tradicionais, com seus sentidos estabilizados, com sua ordem, com sua recorrência, provocando uma ruptura nos discursos típicos das campanhas eleitorais. Essas relações podem ser recuperadas através da leitura da seguinte sequência de enunciados: E1) **Serra é o 1º ser humano q é avisado por telefone que está sentindo dor na cabeça;** E2) **A bolinha de papel que jogaram no #serrameerra tem que ser patenteada. Bate e depois de 1 hora que começa a doer;** E3) **folhas A4 apenas com porte de arma. A3 será restrito às Forças Armadas;** E4) **Quadrilha que tentava assaltar o BB é presa com Bolas de Papel de uso exclusivo do Exército;** E5) **Bolinha de papel R\$ 0,50. Consulta R\$ 150. Tomografia R\$ 600. Ver o #Serrarojas fingindo não tem preço;** E6) **Diretor de tropa de elite diz que cortou as cenas com Bolas de Papel por considerar muito violentas.**

Entendemos que os enunciados acima indicam uma possível (re)configuração dos discursos políticos e midiáticos, que não podem mais negar a sua presença nas redes sociais como o Twitter, inclui a convivência entre os sentidos organizados e a sua constante e imediata desorganização. Retoma-se todo o tempo o dito aqui e ali, na campanha, no palanque, na televisão e desorganizam-se constantemente os espaços, os lugares, os sentidos, com sua memória própria, reconstruída, a todo momento. A memória que funciona nessa nova materialidade discursiva é uma “memória partilhada”, que se constrói a partir daquilo que se repete e, no arquivo virtual, daquilo que fazemos circular indefinidamente. Trata-se de uma “memória virtual”, como nos diz VIRILIO (2006), uma presença de memória que não funciona só sobre o tempo passado, mas também é uma memória do instante. “Significa que o instante presente, ao invés de desaparecer vai se dilatar! É como se houvesse um efeito de lupa não sobre um objeto, mas sobre um instante. (VIRILIO, 2006, p. 94).

Esse efeito de lupa sobre o instante implica a insistência dos sujeitos nos discursos político-midiáticos. Pode-se observar nos enunciados da terceira sequência que há uma insistência na retomada-deslocamento dos sentidos estabilizados pela política e pela mídia. Realidade e absurdo encontram-se para construir um sentido. Os sujeitos resistem pelo riso. Para produzir, talvez, um efeito de “alívio”, provocado pela imposição dos sentidos produzidos pelos enunciados políticos e midiáticos tradicionais. Desse modo, ressignificam os sentidos e o absurdo da cena eleitoral (quadro 3 - E1 e E2), e, ao mesmo tempo, ressignificam o próprio discurso midiático, revelando seu funcionamento (quadro 3 – E3, E4, E5 e E6).



#### 4. Considerações Finais

Embora os efeitos metafóricos recém demonstrados sejam constitutivos dos discursos, as análises nos mostram que o desafio atual é, portanto, identificar, no mar de enunciados formulados, retomados, deslocados, sobre o acontecimento analisado, aquilo que é característico do político, da mídia, da Internet. Desconfiamos, no entanto, que a interdependência desses discursos produza uma nova formatação para o funcionamento dos enunciados políticos, que dificilmente poderão conservar sua estrutura tradicional.

Chamamos a atenção para o fato de que os enunciados analisados a respeito de tal acontecimento fazem parte da circulação, característica fundamental desse ambiente e transformam esse espaço em um espaço constitutivo do boato<sup>6</sup>, das múltiplas versões. Temos, portanto, no espaço imaginário desse “ambiente de informação”, a luta constante pela estabilização dos sentidos, pela tentativa de fixar o que antes era boato, transformando-o em memória “verdadeira”, em “a verdade” dos fatos. Ora a predominância dos sentidos forjados no campo político, ora a predominância dos efeitos produzidos pelos veículos de televisão, ora os sentidos produzidos pelas conversação das redes sociais.

No entanto, com a entrada em cena de ambientes como o *Twitter*, embora os discursos possam e estejam se abrindo para novas interpretações, seguem apagados para os sujeitos que o utilizam quais os gestos de leitura subjacentes, quem são aqueles que organizam e “disponibilizam” os “documentos pertinentes sobre uma questão”, quem são aqueles que primeiro interpretam os episódios políticos, quais os sentidos puderam ser recuperados pelos enunciados produzidos no *Twitter*. Receio que não foram quaisquer sentidos, mas sim aqueles que a instância política e midiática pôde produzir e aqueles que a materialidade discursiva da Internet lhes permitiu “recuperar”.

Tais análises permitem, enfim, demonstrar que é necessário questionarmos e explicitarmos quais os gestos de leitura que apontam para o risco anunciado pelos teóricos do ciberespaço de criarmos comunidades de “solipsistas”, correndo o risco de ficarmos presos na “mesmice” das idéias, das temáticas, dos sentidos. Enfim, como “escapar” das leituras redutoras, que ignoram a “multiplicidade” dos sentidos, das inúmeras versões?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KUNDERA, Milan. O livro do riso e do esquecimento. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

MORELLO, Rosangela. *Definir e linkar*: em que sentido?. p, 121-132. In: ORLANDI, E.P (org.). Para uma enciclopédia da cidade. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003 p.121-131

PÊCHEUX, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento. 4ªed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

---

<sup>6</sup> Considerando a noção de “boato” desenvolvida por Eni Orlandi, uma categoria bastante produtiva que pretendemos desenvolver no decorrer de nossas análises.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
V SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
O acontecimento do discurso: filiações e rupturas  
Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011

VIRILIO, Paul. *O Resto do Tempo*. In: CASALEGNO, Frederico (org.). *Memória Cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 90-104.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Rojas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Rojas) - Acesso 05 Jul. 2011